



Director literario:  
*Antonio Silva*  
 PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

# O SECULO

Director artistico:  
*Eduardo Lallys*  
 PAPUSSE

## A INFANTA dos dedos frios

POR PEDRO DE MENEZES  
DESENHOS DE OLAVO



O palácio, a triste infanta, ora passava repetidas véses pelos corredores longos e sombrios, ora se debruçava das ogivas para vencer o mar com os seus olhos doentes de tanto ter chorado. E, estendendo dolorosamente as mãos, sacudia-as nas noites longas e fatigantes do inverno, manchando-as de luar, para com ele as confundir.

Não tinham visto nunca a infanta, nem nas festas mais aparatosas e belas que, o rei seu pai, mandava às véses dar, nem quando lhe anunciaram que ia casar com um rico e valente príncipe por quem ela se apaixonara, nem sequer quando lhe tinha nascido um filho lindo como um raio de sol, tão loiro êle era. De boca em boca, quer na cidade, quer nas vilas, dizia-se que o mal da princesa não tinha cura porque já assim o tinham declarado os mais conhecidos e célebres feiticeiros dos arredores. Os seus longos, afuzilados e brancos dedos estavam sempre constantemente frios, frios como a neve das montanhas e tão frios que se carícias pretendia fazer a seu filho, êle a repelia chorando,

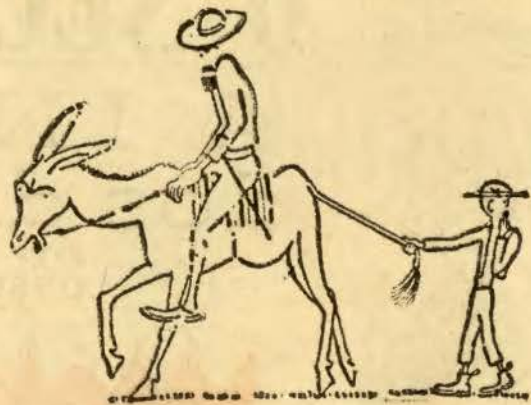


(Continua na página 4)



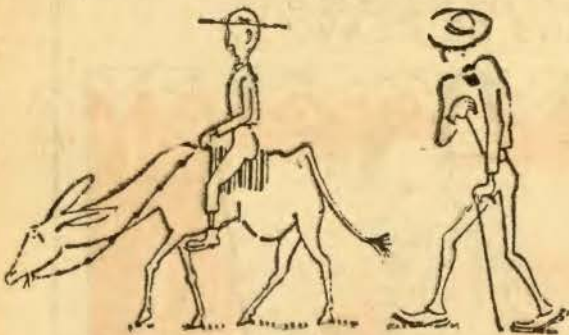
# O VELHO, O RAPAZ E O BURRO

ANTIGA FÁBULA DE  
**CURVO SEMEDO**  
DESENHOS DE ALMADA



III

— Tapemos a boca ao mundo —  
o velho disse. — Rapaz,  
desce do burro, que eu monto,  
e vem caminhando atrás, —



I

Partia um velho camponio  
do seu monte ao povoado :  
— levava um neto que tinha,  
no seu burrinho montado.



II

Encontra uns homens que dizem :  
— Olha aquele, que tal é!...  
montado o rapaz que é forte,  
e o velho, tropego, a pé!



IV

Monta-se, mas dizer ouve!  
— que patética tão rata!  
O tamanhão, de burrinho,  
e o póbre pequeno, à pata!

V

— Eu me apeio, — diz, prudente,  
o velho de boa fé:  
— vá o burro sem carrégo.  
e vamos ambos a pé. —



# HORA DE RECREIO

POR TIONIO  
PARA O MANO  
PEQUENINO :: ::



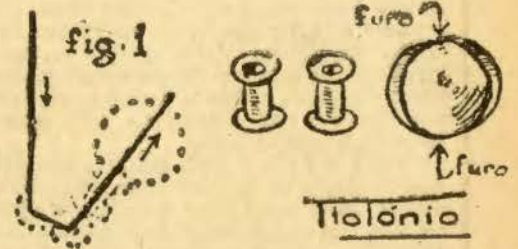
MEUS AMIGUINHOS

Com dois carrinhos de linha vazios, a tampa de uma lata de graxa, um arame e uma cana, poderão fazer esta *formidável* engenhoca para o mano mais novo.

Comecemos por partes:

- 1.º — Espeta-se o arame na cana, a direito.
- 2.º — Dobra-se e enfia-se-lhe o carrinho, (fig. 1).
- 3.º — Dobra-se novamente, de fôrma a que o segundo carrinho, caia sobre o bordo do primeiro.
- 4.º — Depois fura-se no sentido do comprimento, tal

ENGENHOCAS



como indicam as setas, a lata de graxa, enfiando-se-lhe o resto do arame, em cuja ponta se dá uma volta.

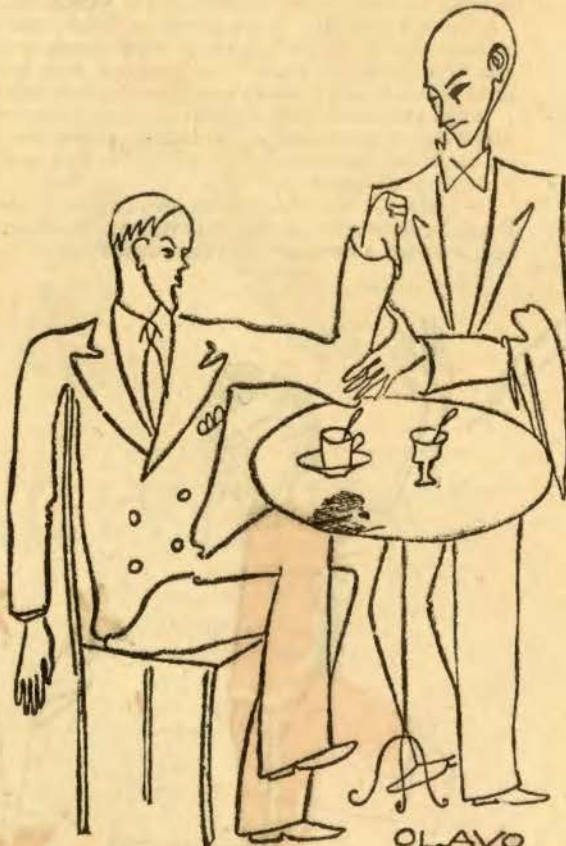
Resultado: Andando com o carrinho pelo chão, êste transmite o movimento ao que está vertical que por sua vez faz girar a lata de graxa.

Eu não lhe acho graça nenhuma... mas os miúdos far-tam-se de rir...

Vosso amigo  
Tionio

P. S. — Não escrevam por enquanto, pois o vosso «tio» só estará em Lisboa no fim d'êste mês.

## PARA RIR



OLAVO  
XVIII

Um espertalhão

O Freguês (para o criado) — Traga-me outro café por-que neste café uma mósca que o beben todo.



OLAVO

Maneiras de dizer

O Zéca — Emprestas-me cinco tostões para o carro?  
O Zica — Não tenho! Eu também, se quizer ir de car-ro, tenho de ir a pé.







nino que falou e que, ao saltar em terra, se transformou num mancebo ricamente vestido, que disse:

— «O não me teres esmagado e o não te teres assustado comigo ouvindo-me falar, acabou com o encanto que me fez a velha que está no palácio, para curar a infanta. E' uma bruxa das piores. Aquelas cabras que tu segues são dois principes. Um, o marido da infanta que desapareceu. Outro, um cavaleiro dum país distante que ela conseguiu encantar também. O mal de que sofre a infanta tem facil cura. Morrendo a bruxa, melhora ela. O rei a perseguiu uma vés porque ela roubara lenha e coelhos nas matas do palácio e vingou-se enfeitando a filha daquele modo.

«Para a matar, basta que daquele riacho que vez ao largo, e que tens de atravessar, tragas um pequenino seixo no bolso, pois assim os salpicos da sua encantada água te não farão mal. Quando as cabras comerem a herva que a velha indicou, attra-lhes com o seixo. O encanto quebrar-se-há, os principes voltarão à sua primitiva fôrma, a infanta melhorará e a velha bruxa se transformará numa cabra negra como a noite, fôrma da qual nunca mais há-de sair.

«Tem cuidado porque se o seixo, ao bater nas cabras, saltar e te atingir, morrerás em seguida».

O cavaleiro agradeceu e partiu. Fez como lhe tinham indicado, mas não conseguiu que o seixo o não alcançasse, quando saltou. Morreu imediatamente, mas todos os encantos desapareceram, tendo apenas a velha feiticeira sofrido o seu castigo.

■ F I M ■



## ADIVINHAS POPULARES

Nunca andei a estudar,  
Nem mesmo aprendi a ler,  
Trago penas sem aparo  
Por não saber escrever;  
Sou divertido e alegre  
E distinto cantador;  
Uso caçaco de rabo  
E barretinho de côr;  
Não gosto de serandar  
Nem também vou ao serão,  
Pois não sei andar calçado  
E não posso usar gabão.

Visto pequeno sou grande,  
cubro o mundo tôdo inteiro.  
Sou mais velho do que a terra  
não sei a idade que tenho,  
Sou adorado por todos  
porque a todos faço bem.  
Sirvo tambem de relógio  
aos que relógio não teem,  
e apenas numa palavra  
digo o que tenho a dizer.  
Todos reparam em mim  
de manhã ao anoitecer.

Angelino G. S.



Fim. al'  
o. alia  
to. lu=  
alibri=  
alalo...



Por  
Matria  
-C.S.-  
Palmas  
e  
bonecos  
de  
olalvo  
continua  
ção  
do  
numero  
antéri-  
or

Se o mineiro não enriquecesse naquela noite perder-lhe-ia a alma. Foi encontrar o mineiro sentado numa pedra e muito triste.

— Então já sei que ainda não enriqueceste. Fizeste outra vez tolice? O mineiro, choroso, contou-lhe tudo. — Já sei disso! A culpa foi toda tua. E quem enriquece, afinal, é o maldito judeu.

O mineiro não tinha culpa nenhuma. O que favorecia o judeu era a fôlha de figueira que êle tinha, mas o Diabo estava zangado.

— Bem! ainda tens esta noite. Mas hoje não vais só; mandarei alguém contigo. Soltou o Diabo um assobio que fendeu os ares e abalou as montanhas.

Um outro personagem appareceu como por encanto ao pé d'êle. O Diabo disse-lhe:

— Vai com êste homem. E' preciso que êle seja rico esta noite. Não o deixes antes de cantar o galo e desaparecey. O mineiro mal podia seguir o guia que tão depressa estava em cima do monte como estava em baixo; parecia que tinha asas nos calcanhares.

Por fim parou à beira dum regato e disse ao mineiro espantado: — No leito deste ribeiro está um tesouro, e soltou um enorme assobio. Logo centenaes de operários apparearam para estancar a água. O Diabo mestre estava impaciente. Era tarde, não tardava a cantar o galo e estaria tudo perdido. No entanto dava ordens sôbre ordens que eram immediatamente cumpridas. Por fim a água estava toda esgotada. Era preciso cavar, mas só o mineiro tinha o direito de o fazer, ninguêm o poderia substituir. O mineiro começou a cavar mas não tão depressa como o Diabo queria.

— Depressa, mais depressa! Por fim appareceu um corpo duro — Ei-lo! Disse o Diabo. E' o tesouro, é teu! O mineiro fez mais um esforço, puxou, o pêso era grande, estava extenuado de tanto cavar e não pôde, ainda tentou mas em vão.

Nisto o galo cantou. Desappareceram todos os artifices, o regato voltou ao seu leito precipitadamente e o mineiro, era dia alto, e ainda estava como pregado naquêle sitio. — Se eu pudesse sósinho desviar o rio!! Pensava triste, sem ter forças para sair dali para lóra. O mineiro endoideceu e não havia forças que o arrancassem daquêle logar.

No entanto o judeu ia enriquecendo como se viu. O mineiro levou-lhe ouro.

Os saltadores levaram-lhe um enorme tesouro. E êle não tinha dado um passo para o conseguir. Estava rico e o Diabo tinha sido ludibriado. O Diabo quando soube que o judeu estava tão rico ficou furioso, porque se tinha esquecido da assinatura do judeu.

Procedera como um néscio. Nada lucrava. Voltou portanto o Diabo a casa do judeu. Tinha êle acabado, precisamente naquella occasião, de trancar as portas.

Mas o Diabo não precisava das portas para nada. Sentiu o judeu tocar-lhe no ombro e estremeceu. — Olá, amigo! Já estás rico? Quem me dêra, (disse o judeu fazendo-se humilde). Cada vez mais pobre! Ainda hontem... — Te vieram trazer um tesouro, que tu compraste por uma ridicularia.

Não é assim?! — Eu?! Tentou negar o judeu. — Pobre de mim! Nem tenho para comer!

— Basta! Mentiroso, poitrão! É preciso que tu me assinês isto, e estendia ao judeu outra fôlha de figueira, ou tiro-te quanto possuis! Pois fica sabendo que quem cá mandou as pedras e o tesouro fui eu e que portanto posso tornar a tirar-te tudo. O Diabo mentia nada lhe podia tirar.

O judeu, que estava industriado pela mágica, recusou. O Diabo quiz empregar a força e tentou roubar-lhe a fôlha, em vão. O judeu, já sem medo, resistia sempre, defendendo o seu dinheiro e a sua alma.

Nisto cantou o galo e o Diabo desapareceu dando um grande urro. Estava livre o judeu e estava rico. O Diabo tinha sido duplamente ludibriado. Enriqueceu o judeu e nada lucrou. Não enriqueceu o mineiro e perdeu portanto a sua alma.

No entanto ainda hoje se diz que a alma do mineiro vagueia junto do regato dando ais. Suspira pelo tesouro.

Nunca se deve ser ambicioso.



VIII

Montam, mas ouvem dum lado:  
— Apeiem-se, almas de brêu!  
Querem matar o burrinho?  
Aposto que não é seu!



IX

Diz o velho: Têm ralhado  
de tudo. Que mais nos résta?  
Peguêmos no burro às cóstas,  
fazamos ainda mais esta. —



X

— Olhem dois loucos varridos! —  
ouvem com grande sussurro,  
— fazendo o mundo às avessas,  
tornados burros do burro! —

XI

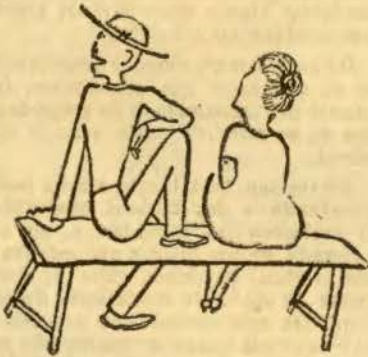
O mundo ralha de tudo,  
tenha ou não tenha razão.  
Aqui lhes fica uma historia  
em prova desta asserção.

almoda



VI

Apeia-se, e outros lhe dizem:  
— Toleirões, calcando lama!  
De que lhes serve o burrinho?  
Dormem com éle na cama?



VII

— Rapaz, diz o bom do velho:  
— se de irmos a pé murmuram,  
ambos no burro montêmos  
a vêr se ainda nos censuram.





8

A

# verdadeira

# história

# do PUM

por OLAYO

Continuação do número anterior



Entretanto, umas vinte mulheres e crianças ainda foram aprisionadas e encerradas numa casa ao lado da que servia de quartel general. Mas o Pum e o seu companheiro, depois de voarem durante algum tempo, constataram que a casa sobre a qual tinham ordem de lançar as granadas que levavam era absolutamente igual a três outras onde se encontravam as vinte mulheres e crianças.

Longo tempo voaram sobre a aldeia deserta, hesitando sempre, até que, por fim, resolveram aterrar nuns terrenos afastados, onde combinaram o seguinte:

O Pum, surratemente, assassinando todas as sentinelas que encontrasse, faria o possível por aproximar-se do grupo de casas, afim de se certificar onde seria o quartel general.

Atravessou, lentamente, a zona perigosa, escondendo-se nos buracos produzidos pelas explosões das granadas, e, ao chegar à entrada de um bosque que rodeava a aldeia, o Pum, entalando entre os dentes a lamina do seu sabre, e pensando de si para si, que era bem verdadeiro o proverbio que diz: «que em tempo de guerra não se limpam armas», aproximou-se, rastejando.

Quando se preparava para liquidar mais uma sentinela que se lhe deparou, o Pum sentiu uma grande pancada nas costas, e uma corrente de ar frio atravessar-lhe o peito. E a vida começou a fugir com o sangue que fugia... O Pum caiu de joelhos, levando a mão ao coração para ver se já teria passado. Toda a sua vida passada começou a desfilar em correria cinematográfica na sua pobre cabeça...

A sua infância, as suas alegrias, os seus desgostos, a morte da sua mãe, tudo, enfim, se lhe atropelava na memoria subitamente avivada...

... Mas agora o sangue tinha cuagulado em volta do corpo que parecia adormecido. E o Pum já não sofria porque se tinha esquecido de tudo...

## FIM

No tribunal. — O Juiz, depois das perguntas sacramentais, a uma testemunha.

- A sua profissão?
- Caixeiro.
- Caixeiro de quem?
- De ninguém. Sou caixeiro... faço caixas.

Um pretendente:

— Sei ler, escrever e contar.

O banqueiro:

- E acha-se habilitado a tomar conta da caixa?
- Sim, senhor; fui tambor no regimento.